 Tempo de leitura: 5 min.

A figura de Dom Carlo Braga (1889–1971) ocupa um lugar singular na história missionária salesiana do século XX. Sacerdote animado por um profundo amor a Dom Bosco e por um extraordinário zelo apostólico, ele levou o espírito salesiano dos vales da Lombardia até os vastos horizontes da Ásia. Na China, especialmente entre os jovens pobres e abandonados, soube encarnar o carisma educativo de Dom Bosco com criatividade, coragem e confiança na Providência. Educador, missionário e guia espiritual, foi protagonista do desenvolvimento das obras salesianas na China e, após a tempestade da revolução comunista, contribuiu também para o nascimento da presença salesiana nas Filipinas. Sua vida permanece um testemunho de dedicação missionária e de autêntica santidade salesiana.

1. **Uma amizade totalmente salesiana**

Poucos dias antes de morrer (3 de janeiro de 1971), falando aos noviços de Canlubang (Filipinas), o coração do P. Carlos saltava de nostalgia. Ele se via como um menino em Sondrio, no Instituto Salesiano: tinha sido encarregado de cuidar do pequeno quarto do padre Rua, primeiro sucessor de Dom Bosco, que estava de passagem por aquela cidade. Apresentou-se a ele com alegria e o P. Rua pegou suas mãos e, segurando-as com força, sussurrou em um timbre de voz inesquecível: “Carlos, Carlos, estaremos sempre juntos”. Aquele olhar penetrou em sua alma como um raio de luz.

2. **Da Itália para a China**

Nascido em Tirano, na província de Sondrio, em 23 de maio de 1889, ficou órfão de mãe quando criança. Gostou do ambiente familiar que vivenciou na casa salesiana de Sondrio; afeiçoou-se a Dom Bosco e à sua missão e decidiu ficar com ele para sempre. Aos dezessete anos emitiu os votos religiosos em Turim; completou os estudos de filosofia no Liceu Turim-Valsalice, onde teve como professores o P. Cimatti, futuro apóstolo do Japão, e o P. Cojazzi, conhecido apóstolo dos jovens.

Nesse meio tempo, a guerra estava ocorrendo na Itália; o jovem Carlos Braga recebeu uma convocação militar e foi enviado para a frente de batalha: três anos de vida dura e arriscada nas trincheiras. No final da guerra, ele apanhou a epidemia de gripe espanhola: fez um voto a Maria Auxiliadora de que, se ficasse curado, partiria para a China como missionário. Chegou a Shiu Chow, no sul da China, o bispo salesiano e primeiro mártir, Dom Luís Versiglia, que imediatamente percebeu os dons educativos do P. Braga e lhe confiou a direção da "Don Bosco Middle School" [Escola Média Dom Bosco]. O P. Braga realizou ali todas as suas atividades pedagógicas, musicais, educativas e recreativas. Fez dela um viveiro de vocações, um campo de provas para o lançamento de missionários na frente estável do Reino de Deus, um lugar para catequistas chineses em aldeias pagãs.

3. **Inspetor salesiano**

O P. Braga, aos 40 anos de idade, é chamado para substituir o inspetor salesiano P. Canazei, que foi eleito bispo. O novo inspetor literalmente explode de zelo missionário: conhece a língua e os costumes chineses, tece uma densa rede de amizades e conhecidos, usa os belos dons que o Senhor lhe deu, ama os jovens como poucos e está imbuído até os ossos de otimismo e espírito salesiano. As missões salesianas na China, sob sua direção, conheceram uma repentina idade de ouro e um florescimento exuberante: o orfanato e as escolas em Macau, em Hong Kong foram construídas cinco grandes e ultramodernas escolas com uma população escolar de cerca de 10.000 alunos.

Com coragem, foi para o norte da China e implantou a obra salesiana na capital Pequim: a obra é para os órfãos, para os meninos pobres e abandonados que, naqueles anos, perambulavam pelas ruas em grande número ou morriam de fome. Em Pequim, realizou-se o sonho profético de Dom Bosco, que tinha visto os salesianos se estabelecerem naquela vasta capital muitos anos antes.

4. **Uma lâmpada que arde e que brilha**

Ele já era inspetor havia vinte anos quando a tremenda tempestade comunista se abateu sobre a China. O P. Braga se viu no olho da tempestade. O comunismo varreu tudo. Por sugestão do Reitor-Mor, P. Pedro Ricaldone, o P. Braga desvia seu

trabalho para o sudeste asiático e, em três anos, inicia o trabalho salesiano nas Filipinas. Ele incentiva a bondade e a alegria onde quer que vá. Mantém uma santa amizade por todas as famílias de seus coirmãos, benfeitores e alunos. Durante todo o seu longo apostolado, no qual deu vida a tantas instituições, permaneceu sempre pobre, mas teve o dom divino de cercar-se de amigos e benfeitores, tanto na China como nas Filipinas, que, de boa vontade e generosamente, compartilhavam o que Deus lhes havia dado. Ele encanta a todos com sua generosidade e gratidão, ditadas por seu grande coração. Por trás de todas essas qualidades e feitos extraordinários que ele realizou, há um lado desconhecido, mas que, sem dúvida, constitui a força que faz dele o bom padre que todos conhecem: sua união íntima com Deus, seu amor por Jesus, um desejo secreto de se entregar ao Senhor em holocausto.

O P. Braga tem 73 anos e percebe que chegou a hora de reduzir suas atividades. Sua lâmpada, que sempre permaneceu acesa em meio às tempestades, dá uma luz cada vez mais espiritual. Como um simples coirmão, dedicou-se a um trabalho mais refinado: o de confessor dos jovens e diretor espiritual das almas consagradas. Tinha participado de sete Capítulos Gerais da Sociedade Salesiana, levando a eles a sua nota de entusiasmo, alegria e otimismo; conhecia a Congregação como os velhos salesianos da escola de Dom Bosco; tinha sido um pioneiro do Reino de Deus. Portanto, ele podia dizer, sorrindo para os jovens noviços filipinos, que pensava no Paraíso como se já o possuísse.

O Senhor queria que sua morte deixasse a mesma impressão que ele sempre transmitira em vida: sempre alegre, pronto para tudo, observante em seus deveres religiosos e sempre pontual onde quer que o dever o chamasse. E assim, às 5h30 da manhã de 3 de janeiro de 1971, solenidade da Epifania em que se comemora o Missionário de Todas as Nações, esse dinâmico arauto do Evangelho entregou sua alma a Deus.

A Causa de beatificação está em andamento, na convicção de que a Família Salesiana e a Igreja na China e nas Filipinas reconhecem no P. Carlos Braga um exemplo de vida missionária a ser imitado e seguido; um modelo de vida evangélica vivida para o bem dos irmãos e de santidade, sinal da bondade paterna de Deus.

5. **Uma testemunha excepcional**

«Nós estávamos de pé e ele estava sentado. Minha mãe se sentou na frente dele. Eu permaneci em pé. Minha mãe começou a falar. Em vez de defender seu caso e vender seus produtos da melhor maneira possível, ela começou a advertir o cliente: “Olhe, padre, esse menino não é mais tão bom. Talvez ele não esteja apto a ser aceito aqui. Não quero que o senhor seja enganado. Ah, se o senhor soubesse como me deixou desesperada no ano passado! Eu simplesmente não sabia o que fazer. E se ele o deixar desesperado aqui também, diga-me, e eu virei buscá-lo imediatamente.”

O P. Braga disse que conhecia três dialetos do chinês, mas falava os três todos juntos. Certamente, o xangainês não era seu forte. Em vez de responder, ele me olhava nos olhos. Eu também olhava para ele, mas com a cabeça baixa. Senti-me como um réu em vez de ser defendido por meu advogado. Mas o juiz estava do meu lado. Com seu olhar, ele me entendeu imediatamente e melhor do que todas as explicações de minha mãe. Ele mesmo, escrevendo para mim vários anos depois, aplicou as palavras do Evangelho: “Intuitus, dilexit eum” (“Fixou-o, amou-o”). E, daquele dia em diante, não tive mais dúvidas sobre minha vocação».

É assim que o futuro cardeal José Zen conta seu encontro com o P. Braga e o início de sua história vocacional.